

VIAGEM E DESTERRO. DE OVÍDIO A CAMÕES: FILINTO, GARRETT E HERCULANO

TRAVEL AND EXILE. FROM OVIDIO TO CAMÕES: FILINTO, GARRETT AND HERCULANO

Maria Fernanda de Abreu *

RESUMO

A viagem, em situação de desterro forçado, proporciona imagens de representações identitárias, pessoais e colectivas, que a literatura vem transmitindo ao longo da sua história. No presente ensaio, invocam-se modelos que, na chamada “literatura ocidental”, vêm de Homero e Ovídio e, na portuguesa, são actualizados por, entre outros, Luís de Camões, Filinto Elíseo e Almeida Garrett; um estudo de caso dá-nos a ver o recurso ao motivo da *tempestade* na escrita do exílio, na obra do romântico Alexandre Herculano.

PALAVRAS-CHAVE: Viagem; Desterro; Romantismo em Portugal.

ABSTRACT

Travel, in exile forced situation, provides images of identity, personal and collective representations, that literature has transmitted throughout its history. In this essay, we refer to models that in the so-called “Western Literature” comes from Homer and Ovid, and that in the Portuguese one are updated by, among others, Luís de Camões, Filinto Elíseo e Almeida Garrett; a case study shows us the use of the topic of *storm* in exile writing, in the romantic Alexandre Herculano work.

KEYWORDS: Travel; Exile; Romanticism in Portugal.

Era de noite que a imagem da pátria, *terribilíssima de saudades*, se me assentava, como pesadelo, sobre o coração e me espremia dele bem amargas lágrimas! [...]

O desterro é uma das mais profundas misérias humanas.
(HERCULANO, [1831], p. 327)²

A proposta deste número da Revista *Abril*, do Núcleo de Estudos Portugueses e Africanos da UFF (NEPA) – “Viagem, deslocamentos, diferença” – busca mostrar, entre outros, “modos de representação do tema da viagem como um *topos* em si, além de outras formas de deslocamentos e/ou travessias através dos quais os escritores tendem a reforçar as imagens de seus lugares de pertencimento”. Ao ler este enunciado, de imediato revisei os, infelizmente, tão numerosos escritores que, ao longo dos séculos, foram, têm sido, continuam a ser nos nossos dias, forçados a deslocamentos não desejados, em situações de desterro involuntário. São os exilados, homens e mulheres que, quase sempre, nos lugares onde encontram abrigo, “tendem a reforçar as imagens dos seus lugares de pertencimento”. Fazem-no, muitas vezes, num vincado gesto antinómico que uma das mais famosas exiladas europeias do romantismo, Madame de Staël, expressa de forma lapidar, ao escrever que, no exílio, “a imaginação desdenha todos os objetos que nos rodeiam, o clima, o espaço, a língua, os rostos, a vida em grupo, a vida individual” (Staël, 2000, p.65)³. O português Alexandre Herculano, objecto nuclear do presente ensaio, evocará também “os cheiros”, ao viajar, desterrado, de Jersey a Grainville: “Pois também há cheiros nacionais? – dirá o leitor. – Que dúvida! Cada nação tem a sua crença, a sua língua, e o seu cheiro.” (HERCULANO, s/d. [1831], p. 299).

Em diferentes apresentações em congressos e em ensaios publicados, estudei já representações literárias do exílio, entre outros, em escritores da Península Ibérica, desde os *ilustrados* portugueses – Marquesa de Alorna, Filinto Elísio e os seus herdeiros românticos Garrett e Herculano (comparando-os com os seus contemporâneos Duque de Rivas e Espronceda) – até a desterrados da Guerra Civil Espanhola ou da ditadura salazarista. A América Latina (e, nela, com destaque, o Brasil) tem sido, desgraçadamente, nos últimos dois séculos um extensíssimo viveiro de desterrados. E, em todos os casos, sempre por razões políticas.

Neste ensaio, recupero uma dessas investigações, um estudo de caso, que mostra alguns aspectos das representações do exílio na literatura portuguesa, desenvolvidos a partir da *viagem*: o recurso ao motivo da *tempestade* na escrita do exílio, em Alexandre Herculano⁴, actualizando uma forma que, desde Ovídio e os seus *Tristia*, na chamada literatura ocidental, se constituía em modelo privilegiado da tematização do exílio para tantos outros até aos nossos dias.

Entre alguns dos mais constitutivos elementos da escrita do exílio, em particular no caso dos romantismos ibéricos, estão, sem dúvida, as elaborações do lugar dito “a pátria”, os modos de relação desses emigrados forçosos com ela, e as formas de pertencimento a esses lugares onde nasceram, viveram a infância e têm os seus familiares e amigos mais chegados. Paralelamente, encontramos nessas escritas, as construções identitárias tanto individuais como colectivas que caracterizam aqueles romantismos, destacadamente no plano das identidades regionais e nacionais, acompanhadas da necessidade do seu reconhecimento, tantas vezes escritas num modo melodramático. (ABREU, 2013, pp. pp. 37-67).

Ao falar de *reconhecimento*, imediatamente convoco o que creio ser uma das mais profundas reflexões sobre a palavra, o conceito e os caminhos da sua polissemia: a magnífica *opera ultima* de Paul Ricoeur, o seu livro *Parcours de la Reconnaissance* (2004). Outros ensaístas têm marcado e guiado as minhas análises das representações literárias dos desterrados. Fundamentais são-me, sempre, Edward Said e Claudio Guillén. O primeiro abre o seu longo ensaio “Reflections on exile” (2000) com as seguintes palavras:

O exílio é estranhamente fascinante quando pensamos nele, mas terrível quando o experimentamos. É a incurável ruptura forçada entre um ser humano e um lugar nativo, entre o eu e a verdadeira casa : a sua tristeza essencial nunca pode ser superada. E embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heróicos, românticos, gloriosos e até mesmo triunfantes numa vida de exílio, aqueles não são mais do que esforços destinados a superar a incapacitante dor de estranhamento (trad. minha, SAID, 2000, p. 173)⁵

The crippling sorrow of estrangement, escreve ele, no original (2000, p. 173). Ao longo de todo este ensaio, E. Said não deixa de voltar à ideia do *estranhamento* sentido por todo o exilado em terra “alheia”, a *mutilação* que todo o desterro implica, o *afastamento* das tradições, da família e da geografia de que a vida se alimenta; a identidade, o *reconhecimento*, acrescento eu nos passos de Paul Ricoeur, esse reconhecimento – afectivo, jurídico e social – que faz de um ser humano um ser *capaz*, identidade e reconhecimento que lhes são negadas pela *proscrição*. Perdas estas e mutilações que E. Said adjectiva como *truly horrendous*, verdadeiramente horrendas, “produzidas por uns seres humanos para outros seres humanos”. Como a morte mas sem a derradeira mercê da morte. *Like dead but without death's ultimate mercy*. (SAID, 2000, p. 436-437)

Claudio Guillén, por sua vez, começa o seu livro *El sol de los desterrados: literatura y exilio* com estas palavras: “Inumeráveis, os desterrados. Repetida, reiniciada vezes sem fim, interminável a experiência do exílio ao longo dos séculos” (trad. minha, GUILLÉN, 1995, p. 11)⁶.

De facto, dar a ver os seus dramas de *proscritos*, contá-los e mostrá-los, obter o seu *reconhecimento*, o reconhecimento da condição de exilados e desterrados por parte dos outros, os seus contemporâneos e a

posteridade, parece ser, sem quaisquer dúvidas, um dos objectivos da escrita do exílio. Os “outros”, isto é, o que hoje diríamos “a comunidade internacional” e também, em particular, aqueles que os tinham desterrado e aqueles outros que os tinham acolhido nas suas terras – as terras *alheias* – e nas suas casas.

VIAGEM, DESTERROS E TEMPESTADE: ALEXANDRE HERCULANO E A TRADIÇÃO LITERÁRIA

Creio pertinente introduzir este comentário com uma citação do já referido estudo de Claudio Guillén – palavras matriciais que, outras vezes, tenho convocado:

E o exílio, que as línguas ibéricas tão adequadamente chamam *destierro*, *desterro*, *desterrament*, porque se trata da perda da terra e da separação do solo próprio, não é uma desejada via de acesso ao universal, segundo o supremo poeta [Shakespeare], antes um símbolo do homem desvalido, desconjuntado, dramaticamente roto. (trad. minha, GUILLÉN, 1995, p. 96)⁷

Esta “separación del suelo propio” implica, sempre, uma viagem. Que muitos dos românticos fizeram por barco. Se bem que a poderiam também ter feito por terra ou, em parte, por terra. O certo é que a viagem por barco permite o desenvolvimento reiterado do motivo da tempestade na escrita do exílio, que aparece já, como bem recorda Claudio Guillén, em Ovídio “relegado, no ano 8 da nossa era, a um ponto situado na mais remota periferia do espaço imperial [romano], ao mais afastado noroeste da Europa, a um *orbis ultimus* (*Tristia* I.1 127-128), próximo da foz do Danúbio (hoje na Roménia), junto ao Ponto Euxino” (trad. minha, GUILLÉN, 1995, p. 32). A “tempestade no mar Adriático” de que é vítima o poeta desterrado para Euxino aparece relatada, em forma elegíaca, no livro 1º das *Tristia*. Nas *Pônticas*, (*Epistulae ex Ponto*), de novo em forma elegíaca que aqui se conjuga com a epistolar, ao narrar “a tristíssima situação” em que escrevera alguns dos seus versos, recorda (elegia 12, livro 4) “os marulhos d’embravecido mar” e os transe da “horrenda tormenta” que sofrera na sua viagem para a terra de desterro. Em sentido metafórico, recorreu Ovídio à imagem do “naufrágio”, pedindo aos amigos, em carta elegíaca (*Pônticas*, elegia 5ª), “seguras praias” para o seu “naufrágio”, metáfora esta da sua situação de *relegatus*. (GUILLÉN, 1995, pp. 31-41)

O modelo clássico da tempestade, construído, como sabemos, por Homero e Virgílio e, no século XVI, reescrito na Península Ibérica, entre outros por Camões, n’*Os Lusíadas*, e por Cervantes, no *Persiles*, não estava morto. E os romântico-liberais, desterrados por viagens de barco, usaram-no abundantemente. Mostrei-o já noutras ocasiões e, uma vez mais, recordo poemas do espanhol Duque de Rivas, companheiro, amigo e interlocutor de Garrett, no exílio londrino. Assim, o seu poema “El

desterrado”, que, em agosto de 1824, se publica em Londres no periódico *Ocio de Españoles Emigrados*⁸, escrito, como ali se diz, “a bordo do paquete inglês Francis Freeling, em maio de 1824, ao sair da baía de Gibraltar rumo ao oeste, ao pôr do sol”⁹, deixou-nos a sua “tempestade”, começando exactamente com a imagem do “récio vendaval” na partida para o exílio (RIVAS, 1824)¹⁰. Nele, recorre o poeta ao velho tópico da “tempestade”, para dizer a sua *cruda inexorable suerte* de desterrado, desde o *incipit* da composição. Por sua vez, o *recio vendaval* e o *sañudo viento* que, violentamente, o afastam da *pátria* – tópicos insistentemente repetidos nas escritas do exílio – não representavam apenas, literalmente, os elementos climáticos que o viajante marítimo sofria na travessia mas também, e sobretudo, no plano figurado, retórico e simbólico, a violência emocional da situação de desterro. A tempestade não é apenas um episódio; é uma situação que enquadra a enunciação e, metafórica e metonimicamente, representa a violência dos sofrimentos, vários e diversos, suportados na *proscrição* e como consequência desta. O afastamento forçado da terra natal e dos seres queridos provoca o que hoje chamaríamos *traumas*, que jamais terão cura e que a memória pessoal e coletiva guardará como uma brutal tempestade, um furioso furacão.

Alexandre Herculano, junto com Almeida Garrett, introdutores ambos e construtores indiscutíveis do Romantismo literário em Portugal, embora mais jovem sofreu como este as consequências de uma participação activa nas lutas da revolução liberal que, desde 1820 até à sua vitória definitiva em 1834, determinaram a vida política, social e cultural portuguesa. A sua emigração forçada, o seu desterro da pátria, tem lugar em 1831 e, ainda que dure apenas um ano – posto que no ano seguinte está já nos Açores para ali lutar ao lado dos liberais –, a experiência do exílio dará lugar a alguns dos seus melhores poemas, pelo que o mesmo se autoneomeará “trovador do exílio”, e a um conjunto de textos autobiográficos que ele mesmo recolhe sob o título de *Cenas de um Ano da Minha Vida*. A esse período correspondem os dois textos de Herculano que agora convoco, um poema e um relato breve, ambos tematizando o tópico da “tempestade”: o poema “A Tempestade” e o relato “De Jersey a Grainville”, respectivamente de 1832 e 1831.

Em “De Jersey a Granville” – publicado, pela primeira vez, na Revista *O Panorama*, em 1843 – Herculano relata a viagem que, com alguns companheiros, o leva das costas de Inglaterra à costa francesa, num pequeno barco que deveria conduzi-lo, em princípio, de Jersey a Saint-Malo. Nessa viagem, sofrem os efeitos de uma tempestade. Mas, já antes de que esta se anuncie, a primeira anotação que faz o narrador-protagonista acerca dos seus sentimentos e impressões é de que no mesmo momento da partida os seus eram “sentimentos encontrados”. E as peças no meio das quais se entrecruzam e enfrentam esses sentimentos aparecem imediatamente nomeadas e caracterizadas: são três países, três nações, três povos diferentes – Portugal (o país dos belos dias de Outono); Inglaterra (o dos edifícios

de horríveis tectos de lousa negra); França, “que, para a mocidade das nações ocidentais da Europa, é como uma segunda pátria” (HERCULANO, [1831], pp. 291 e segs). Um longo parágrafo explicará por que França é esta segunda pátria para estes jovens: por ser o centro das ideias que “hoje agitam os espíritos”; pelos seus escritores; pelos seus livros. Por isso:

Ao aproximarmo-nos da França o coração não bate violento, nem se derramam lágrimas, como ao avistar a terra onde nascemos; mas o ânimo desafoga-se e abre-se à esperança: vamos tratar homens que nunca vimos, mas com quem de largo tempo vivemos pelas íntimas relações dos afectos e da inteligência. (HERCULANO, [1831], pp. 294)

Uma página somente de texto bastou para desenhar um triângulo perfeitamente definido, suficiente para nos dar o modo como o narrador se relaciona com cada um dos seus elementos. Depois, na apresentação e representação dos companheiros de viagem, estes serão objecto desta mesma tripartição: seis portugueses; dois marinheiros franceses e um grumete; um cão e três ingleses.

Começa, então, pouco a pouco, a formar-se a tempestade (cuja construção discursivo-imagética, mais adiante, analisarei). Mas, no que respeita à construção identitária do narrador, o “triângulo” continua consistente: os franceses cuidam da navegação, os portugueses calam-se perante a ameaça do tempo; os ingleses e o cão não tinham grunhido. E o narrador faz a primeira interrupção no relato da progressão da borrasca para retomar a apresentação dos três ingleses dos quais – remata – “não havia que duvidar-lhes da pátria: indicava-a o cheiro dos seus vestidos; suavemente impregnados do fartum sebáceo de carneiro e aromatizados com os eflúvios nauseantes da infusão de chá preto” (HERCULANO, [1831], pp. 299). O triângulo torna-se cada vez mais sólido: há línguas nacionais, crenças nacionais e odores nacionais. E, antes de prosseguir, o narrador caracteriza sardonicamente o que chama a crença inglesa. Só depois o acentuar do vento devolve a sua atenção à borrasca, mas desta vez o facto de que o vento o ajude a afastar-se da costa inglesa e o aproxime da costa francesa é visto como um signo positivo. Torna aos ingleses como objeto do seu discurso e permite-se, mesmo, o relato encaixado de um episódio protagonizado por Miss Parker, a “donzela de sessenta anos”, britânica, em cuja casa se tinha hospedado na sua estância em Plymouth; de novo, a gastronomia inglesa e os seus “abomináveis temperos”, o rigor e o tédio da igreja anglicana são pasto da ironia do exilado português. Volverá ao vento e às ondas quando um e outras se tornam mais assustadores. Mas o grunhido de um dos ingleses e o “estirado monossílabo Yes”, enfim um diálogo entre dois dos ingleses, “mais abominável ainda que os condimentos ferozes da cozinha inglesa”, vêm de novo sobrepor-se ao silêncio provocado pela iminente procela. (HERCULANO, [1831], pp.302-304)

Sabemos como a língua – a própria da qual se é desterrado; a estrangeira que há de substituir esta – constitui um dos mais, para alguns, o mais insuportável dos sofrimentos do exílio que a literatura mais insis-

tentemente tem registado. Cabe-lhe, agora, à língua, a língua do país que até há pouco o acolheu, ser objecto das digressões do nosso narrador desterrado; e, pela primeira vez, entrecruzam-se no texto o objeto da digressão e essa tempestade que está no horizonte da viagem e no horizonte do texto: “O vento sibilava violento, as águas começavam a tingir-se de negro, e o céu estava completamente toldado; era meio poema britânico.” (HERCULANO, [1831], pp. 306) Um dos ingleses – um “fazedor” de versos – decide pôr-se a ler os seus versos, o que serve de pretexto para outra larga digressão, agora sobre a poesia inglesa, “a língua escrita de Inglaterra” e a sua linguagem falada, a pronúncia inglesa... tudo é agora objeto dos mais negativos comentários. Salvando, como não podia deixar de ser, Shakespeare e Byron – “talvez, as duas almas mais sublimemente poéticas da Europa” (HERCULANO, [1831], pp. 309). Mas, mesmo esses “não souberam ajuntar a melodia material às harmonias íntimas das suas ideias”. E por quê? “porque não podiam converter em palavras humanas o intolerável grasnido dos seus compatriotas” (HERCULANO, [1831], pp. 309).

E, afinal, é tal a força da tempestade como motivo não só emocional como também enunciativo-retórico que o narrador explicita: “Sobre as vagas procelosas do canal da Mancha, saldava assim as minhas contas com a Inglaterra” (HERCULANO, [1831], pp. 304). Não importa aqui dar conta das razões políticas de todos conhecidas desta enorme aversão de Herculano para com a Inglaterra, as suas gentes, os seus cheiros, a sua língua, além das que são as razões de todo o exilado, que já ouvimos no comentário de Mme de Staël e que o modelo ovidiano longamente tematizou nos *Tristia* e nas *Epistulae*, opondo Tomos, a terra do exílio, a Roma, a terra deixada. O que me importa notar é como o desenvolvimento da procela parece ter-se suspenso para dar tempo ao narrador de demorar-se em tão longas digressões – ou reflexões, como lhes chama ele. O que faz com que essa mesma progressão se dilua aos olhos e aos ouvidos do leitor, diminuindo sem dúvida a tensão narrativa da tempestade, mas permitindo ao narrador inscrever e desenvolver no seu texto temas e tópicos da escrita do exílio. Como o de “a pobreza, no desterro”, por *comparação* com os “cómodos e gasalhado do lar doméstico”:

O desterro é uma das mais profundas misérias humanas; mas a pobreza, no desterro, é o tormento mais intolerável do espírito, porque é um composto monstruoso de saudade, de humilhação, de abandono, de desesperança, que vos lembra cada dia, cada hora, cada instante, a vossa situação desgraçada; [...]. Tendes de experimentar a afronta e calar, os maus tratos e sofrer, a fome e a nudez e não ousar pedir uma esmola [...]. Então vem o comparar tudo isso com os cómodos e gasalhado do lar doméstico [...] (HERCULANO, [1831], pp. 327)

Até ao fim do texto o narrador mantém a mesma atitude, alternando o relato da evolução da tempestade com as reflexões na linha que lhe vimos ouvindo. Chegará o momento, propiciado por uma acalmia da

procela, antes de um novo recrudescer, em que, adormecidos os companheiros, e achando-se só, ele pode, em doloroso tom elegíaco, expandir-se na expressão da dor da ausência da pátria – tema maior de toda a literatura do exílio – que na literatura portuguesa é, também, a escrita da saudade, como mais adiante recordarei, ao evocar Garrett: “Era de noite que a imagem da pátria, terribilíssima de saudades, se me assentava, como pesadelo, sobre o coração e me espremia dele bem amargas lágrimas!” (HERCULANO, [1831], p. 326)

Com que imagens, herdadas da tradição literária, e com que gestos se escreve, pois, neste relato, a tempestade – símbolo e suporte discursivo das dores do desterro? Na prosa espaçosa de “De Jersey a Grainville”, na primeira expressão dos “sentimentos encontrados” que o narrador declara serem, no momento da partida, os seus, surge a comparação com o clima da sua terra, tópico insistente na escrita do exílio: “O sol resplandecia brilhante, e o ar estava puro e sereno: era um dia d’outono, tão belo como que mais o fosse em Portugal” (HERCULANO [1831], p. 293). Mas o tempo vai mudar. E virá a *procela*. Anunciam-na o *engrossar das nuvens*, o *encapelar das ondas* e o *sibilo do vento*. Ao começar, páginas mais tarde, a narrar “o temporal que se preparara durante a tarde”, desfechando-se em cima dele e dos companheiros “com o cerrar da noite”, Herculano apropria-se da imagem clássica da tempestade na literatura:

As vagas acumulavam-se em serras, que, alçando-se e to-
pando em cheio, se enlaçavam e confundiam, como dois lu-
tadores furiosos. Depois a mais possante, sumindo debaixo
de si o grande vulto da sua contrária, erguia o topo esguio,
que vacilava um instante e caía, desfeita em catadupas de es-
puma, nos vales profundos, cavados momentaneamente em
volta dela. A luta daqueles vagalhões gigantes, em pé sobre
os abismos das águas, estreitando-se e despedaçando-se,
como as hienas e tigres num circo romano, vista assim ao
lusco-fusco, sob céu achatado e cinzento, era uma sublime
peleja! (HERCULANO, [1831], s./d., p. 311-12)

Recordemos de Luís de Camões, na célebre e magistralmente narrada tempestade d’ *Os Lusíadas* (1572, VI, 70-93), as seguintes passagens (umas poucas, já que o bom será lê-la em todo o seu desenvolvimento):

– «Alerta (disse) estai, que o vento crece
Daquela nuvem negra que aparece!»

Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande e súbita procela.
– «Amaina (disse o mestre a grandes brados),
Amaina (disse), amaina a grande vela!»
Não esperam os ventos indinados
Que amainassem, mas, juntos dando nela,
Em pedaços a fazem cum ruído
Que o Mundo pareceu ser destruído!
(CAMÕES, VI, 70-71, 2000, p. 275)

Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo;
Agora a ver parece que deciam
As íntimas entranhas do Profundo.
Noto, Austro, Bóreas, Áquilo, queriam
Arruinar a máquina do Mundo;
A noite negra e feia se alumia
Cos raios em que o Pólo todo ardia!
(CAMÕES, VI, 76, 2000, p. 324)

Assi dizendo [Vasco da Gama], os ventos, que lutavam
Como touros indómitos, bramando,
Mais e mais a tormenta acrecentavam,
Pela miúda enxárcia assoviando.
Relâmpados medonhos não cessavam,
Feros trovões, que vêm representando
Cair o Céu dos eixos sobre a Terra,
Consigo os Elementos terem guerra.
(CAMÕES, VI, 84, 2000, p. 279)

Compare-se o relato do jovem escritor romântico com o de Camões, entre outros, os movimentos das nuvens e das ondas: neste “os ventos, que lutavam / Como touros indómitos, bramando, / Mais e mais a tormenta acrescentavam” e “Agora sobre as nuvens os subiam / As ondas de Neptuno furibundo; / Agora a ver parece que deciam / As íntimas entranhas do Profundo.”; naquele, “as vagas acumulavam-se em serras, que, alçando-se e topando em cheio, se enlaçavam e confundiam, como dois lutadores furiosos”; e assistimos a “a luta daqueles vagalhões gigantes, em pé sobre os abismos das águas, estreitando-se e despedaçando-se, como as hienas e tigres num circo romano”, mostrando, ao fim, um espectáculo sublime. “Oh tempestade! Eu te saúdo, oh nume / Da natureza açoite!”, exclama ele no poema “A Tempestade” que – tal como o será o poema “Tristezas do desterro” longamente comentado por Vitorino Nemésio, em *A Mocidade de Herculano até à Volta do Exílio* (1810-1832) – é a expressão do conflito vivido por esse ser “desvalido, desconjuntado, dramaticamente roto”. Publicado em 1840, com a indicação de ter sido escrita “A bordo da *Juno*, na Baía da Biscaia – Março de 1832”, o poema começa com estas palavras onde, de novo, encontramos a *imagem* canónica e expressivíssima que Herculano gostou de repetir: “As ondas negro-azuis se conglobaram; / Serras tornadas são, / Contra as quais outras serras, que se arqueiam, / Bater, partir-se vão.”¹¹:

Sibila o vento: os torreões de nuvens
Pesam nos densos ares:
Ruge ao largo a procela, e encurva as ondas
Pela extensão dos mares:
A imensa vaga ao longe vem correndo,
Em seu terror envolta;
E, dentre as sombras, rápidas centelhas
A tempestade solta.

Do sol no ocaso um raio derradeiro,
Que, apenas fulge, morre,
Escapa à nuvem, que, apressada e espessa,
Para apagá-lo corre.
Tal nos afaga em sonhos a esperança,
Ao despontar do dia,
Mas, no acordar, lá vem a consciência
Dizer que ela mentia!
As ondas negro-azuis se conglobaram;
Serras tornadas são,
Contra as quais outras serras, que se arqueiam,
Bater, partir-se vão.
Oh tempestade! Eu te saúdo, oh nume
Da natureza açoite
(HERCULANO, 1981, p.97-98)

A inscrição da situação do desterrado virá pouco depois por comparação dessa situação com a tempestade, uma comparação que o escritor passará a desenvolver durante todo o resto da composição:

Quem me dera ser tu, por balouçar-me
Das nuvens nos castelos,
E ver dos ferros meus enfim quebrados
Os rebatidos elos.
[...]
E dissera: “Sou livre e tenho império:
Aqui, sou eu senhor!”
(HERCULANO, 1981, p.98)

Na tradição “clássica”, a borrasca era obra dos deuses, já se sabe, que com ela mostravam os seus imensos poderes e castigavam os homens (ou outros deuses) que transgrediam as suas regras. Aqui, a tempestade funciona como episódio que, por sua vez, pode ter a função simbólica de prova que o herói – individual, no caso de Ulisses e de Eneias; colectivo, no caso de Vasco da Gama e dos seus homens – há de vencer para alcançar a sua meta e, ao mesmo tempo, o seu estatuto heróico. No relato de Herculanano será outra a função narrativa da tempestade já que, nele, esta funciona não como episódio mas como uma situação-quadro na qual o narrador desenrola uma série de digressões sobre o desterro e as questões com ele relacionadas, tais como a aversão ao país onde está e que não é o seu. Para os românticos, o exílio, já o vimos, dá origem àquele ser “dramaticamente roto” e, à maneira ovidiana, tudo o que têm no exílio será negativizado em função do que deixaram na pátria.

Ao mesmo tempo, para o ainda jovem mas já romântico Herculanano, a sublime luta das ondas gigantes, em meio a uma tempestade, apresenta-se-lhe como o que em “De Jersey a Grainville” declara com estas palavras: “Todos os espectáculos da terra – dos homens ou da natureza – que são ou que valem, comparados com a cólera da procela que passa no oceano?”. “O mistério dos mares [responde ele, curiosamente invocando também os shakespearianos Hamlet e Otelo] é de todas as obras da cria-

ção aquela em que mais profundamente o Senhor estampou o seu verbo; a inscrição indelével e indubitável que narrará perpetuamente ao gênero humano o seu infinito poder!” (HERCULANO, [1831], s./d., p. 312). Mudaram os tempos e mudaram os deuses. Não parece ter mudado muito a ideia de *tempestade* e os modos literários de a dizerem... Também no outro extenso poema de exílio, “Tristezas do desterro”, Herculano associa este ao mar, logo no *incipit*:

Terra cara da pátria, eu te hei saudado
Dentre as dores do exílio. Pelas ondas
Do irrequieto mar mandei-te o choro
Da saudade longínqua. Sobre as águas,
Que de Albion nas ribas escabrosas
Vem marulhando branquear de espuma
[...]
Pelo dorso das vagas rugidoras
Eu corri de além-mar para estas plagas.
Pelas antenas, em nublada noite,
Ouvi o vento sul que assobiava.
E de ouvi-lo folguei. Da pátria vinha:
Seu rijo sopro refrescou-me as veias.
(HERCULANO, 1981, p. 103)

Em nota, a autora desta edição sugere que “pelas referências existentes no texto, é lícito supor que Herculano tenha começado a escrevê-lo em Plymouth para depois o continuar em França” (HERCULANO, 1981, p. 103).

Creio eu que nos será útil comparar este *incipit* com o desse texto maior da literatura de exílio escrita em português – e considerado também o texto introdutor do romantismo nas literaturas em português – o poema *Camões*, de Almeida Garrett, publicado anonimamente em Paris, precisamente a causa da situação de *proscrito* do seu autor, publicado assim sem nome de autor e em *terra alheia*¹²:

Saudade! Gosto amargo de infelizes
Delicioso pungir de acerbo espinho
[...]
Misterioso numen que avientas
Corações que estalaram, e gotejam
Não já sangue de vida, mas delgado
Soro de estanques lágrimas. – Saudade!
Mavioso nome que tão meigo soas
Nos lusitanos lábios, não sabido
Das orgulhosas bocas dos Sicambros
Destas alheias terras - oh Saudade!
Mágico numen que transportas a alma
Do amigo ausente ao solitário amigo,
Do vago amante à amada inconsolável,
E até ao triste ao infeliz proscrito
- Dos entes o misérrimo na terra -
Ao regaço da pátria em sonhos levas,
[...]

À foz do Tejo, - ao Tejo, ó deusa, ao Tejo
Me leva o pensamento que esvoaça
Tímido e acovardado entre os olmedos
Que as pobres águas deste Sena regam,
[...] (GARRETT, 1825, p.13-14)

Em ambos, no lugar ou em situação de desterro, o pensamento socorre-se também da viagem e do mar como recurso de *consolatio*: ou levando o mar “o choro da saudade longínqua” ou levando o desterrado (em sonhos) “à foz do Tejo”, “ao regaço da pátria”, *consolatio*, em oposição (tantas vezes só sonhada) à viagem como uma entidade desgarradora, na ida para o exílio, algoz inevitável no destino do proscrito e no cumprimento da expulsão da terra própria.

De facto, obrigado a fugir de Lisboa num barco inglês, no dia 9 de junho de 1823, nesse mesmo dia “a bordo do paquete inglês ‘Duque de Kent 2º’, ainda no rio Tejo, Garrett escreve no seu diário:

São dez horas da noite. Bateram agora nas grimpas do Palácio das Necessidades. No palácio das Cortes, diria eu há oito dias! Hoje profanam os frades o recinto das leis e da soberania nacional. – Nação! – Pois somos nós porventura nação? – Miseráveis! Com que olhos nos verá a Europa, nós que perdemos tão vilmente no espaço de três dias toda a glória portuguesa adquirida no longo curso de séculos, ganha com tanto sangue, legada com tanta honra e de tempos imemorais por bizarros avós a tão indignos, tão degenerados netos! (GARRETT, [1823] 1963, p. 613)

Começa Garrett, como vemos, expressando o seu assombro perante a situação política da sua nação. Com exclamações retóricas – “Nação! – Pois somos nós porventura nação? – Miseráveis!” – lamenta o destino pátrio. As escolhas lexicais – *profanam*, *miseráveis*, *vilmente*, *sangue*, *indignos*, *degenerados* – acumuladas em poucas linhas, e reforçadas pelos pontos de exclamação, põem em cena uma escrita de excesso, o (*melo*)*drama* destes proscritos. Depois, voltando-se para a sua situação pessoal, invoca os seres queridos – pai, mãe – e clama os seus sentimentos de perda:

Meu pai, minha mãe! Vós estais tão longe: e nem o adeus da despedida, nem uma bênção que me acompanhe no desterro e seja sobre a minha cabeça escudo de providência aos azares que me aguardam por *essas terras estranhas* onde me leva meu destino! [Sublinho] (GARRETT [1823], 1963, p. 613)

Nas duas primeiras páginas do diário podemos contar cerca de trinta pontos de exclamação e de uma dezena de interrogações, além das interjeições *oh!*, recursos não apenas linguísticos mas também gráficos e visuais para mostrar, para literalmente *dar a ver*, o drama do *des-terro*, no qual ocupa lugar destacado a imprevisibilidade de umas *terras estranhas*. E no dia seguinte, a 10 de Junho (também dia da morte de Camões), ao sair já de Lisboa, escreve: “Adeus, pátria! Adeus, Tejo! Adeus. – O dia está escuro e triste, pesado de nuvens e feio. Parece que me acompanha em meu

luto. Oh! Não quero ver este céu, nem estas praias...” (GARRETT [1823], 1963, p. 615).

Entusiasmado com a revolução liberal, que rebentou em Portugal em agosto de 1820, o jovem Almeida Garrett, que ganhara já notoriedade pública nos seus anos de estudante na Universidade de Coimbra, foi obrigado a exilar-se em 1823, como consequência de um movimento contra-revolucionário (a “Vilafrancada”), sendo desterrado primeiro para Inglaterra e depois para França. Ali, nos finais de 1823, Almeida Garrett escreve, em novembro, os poemas “O Exílio” e “A Lira do Proscrito”, em Warwickshire e, em dezembro, “A Morte de Riego” e “O Natal em Londres”, já nesta cidade. Também em Londres, em janeiro de 1824, “O Ano Novo”. São todos estes poemas de desterro, onde se assiste à construção e “reforço das imagens de seus lugares de pertencimento” e, ainda quando surge a gratidão pelo lugar de acolhimento, se marca a oposição entre este e o lugar de pertencimento. Assim, por exemplo, em “O Natal em Londres”: que Natal aquele, lamenta-se desanimado, tão oposto ao da “[sua] católica Lisboa”. Há-de reuni-los e publicá-los, mais tarde, em 1829, no seu livro *A Lírica de João Mínimo* (poemas escritos entre (1819-1823).

Recordo que estes não foram os primeiros poemas de Garrett dedicados a contar literariamente o desterro. Ainda em Coimbra, tinha o jovem Garrett escrito, em abril de 1819, um poema dedicado à morte de Filinto Elísio, o grande poeta pré-romântico, também ele falecido fora da pátria, no contexto da vaga de exílios sofridos pelos «afrancesados» portugueses, onde encontramos já claramente inscritos dois dos *topoi* da escrita do exílio. Assim, por um lado, a oposição muito marcada entre a terra da pátria e a terra do exílio, neste caso representadas, em metonímia, pelos seus respectivos rios, o Tejo e o Sena; por outro, o *adeus à pátria ingrata*: “Portugueses, morreu!...[...]. / Filinto é morto. As derradeiras vozes / Do vate, já coa morte à luta extrema, / Foram, entre ais de amor, de saudade, /O adeus à pátria ingrata.” (GARRETT, 1829, p. 7)

Também este, Filinto Elísio, tanto seu Mestre como de Herculano, recorreu ao motivo da tempestade e ao do naufrágio para, em ode, contar “os balanços da fortuna” da sua desafortunada vida:

Enquanto vai a Nau surcando as ondas,
Inchado o bolso da forçada Vela,
E as ondas vão, revoltas, resvalando,
Com fugitivo arruído,
Encostado à amurada o passageiro
Está contemplando os movediços combros
Da estrada undosa. “Assim nos corre a vida
(Diz) sôbre um mar de azares,
Que se empola, em carneiros se acapela,
Roncando ao longe e vem despedaçar-se
Nas rochas, que com açoute despiedado
Retremem sacudidas”.
Quem não correu balanços da fortuna,

Ora agitado do Euro das desditas,
No proceloso pego, ora adejando
Na plumagem do Zéfiro?
Eu, que ia, mar de leite, deslizando
Na água mansa de vida amena e honrada,
Naufraguei nos escolhos da Calúnia.
Perdi os Bens e a Pátria.”
(ELISIO, s.d., p. 164)

Celebrou Garrett a sua obra e *lamentou-lhe* o desterro, como vemos, antes de experimentá-lo ele próprio. E sabe Garrett de outros que, antes de ambos, o tinham experimentado. Para celebrar um de entre eles, o maior entre os seus Mestres, escreveu, precisamente, esse enorme poema de exílio que é o seu *Camões*, publicado, como já o dissemos, em Paris onde, depois de Inglaterra, o leva a *peregrinatio* do desterro. Como é bem sabido, toma Garrett como modelo o grande texto épico português, *Os Lusíadas*, tanto na sua composição em dez cantos como no recurso sintático à viagem, e celebra Camões como o protagonista, de regresso à pátria da qual saíra, também ele, em condição de desterrado. Narrativa de viagem, pois, como o é o seu modelo matricial, nela Almeida Garrett recorre à figura de Camões para, contando o desterro deste e o seu regresso à “pátria ingrata”, contar, paralela e simultaneamente, o seu próprio desterro. O extenso poema narra não só a condição de *desterrado* vivida historicamente por Camões mas também a condição de *desterrado* do próprio autor do poema, por meio de um processo de identificação entre o protagonista do texto e o seu autor-narrador. Dirá ele, mais tarde, que se tratava da “obra de um proscrito” (no prefácio à 2ª edição, publicada já sem anonimato e regressado do exílio o autor). O poema apresenta, desde o *incipit* até ao seu fecho em que escutamos o discurso de Camões à beira da morte, uma tematização do exílio que se desdobra num conjunto de subtemas como a *saudade*, a liberdade e a imagem da pátria. Paralelamente, a situação de exilado do seu autor e narrador, Garrett, é invocada com frequência, tanto ao longo do Poema como nos textos introdutórios e nas notas ao poema, alternando o relato da vida do protagonista, em terceira pessoa – Camões, em viagem marítima de regresso á pátria – com um discurso autobiográfico. Afastado dela, com um mar pelo meio e dois rios separados, o Tejo e o Tamisa, constrói Garrett desde o *incipit* do poema a ideia de *saudade*, que veremos repetida nas “Tristezas do desterro”, do seu companheiro e jovem amigo Herculano; nesse *incipit*, e com recurso à *invocatio*, à maneira do poema épico renascentista, constrói Garrett o *locus*, tanto físico como emocional, a partir do qual vai narrar a vida de Camões, um lugar de proscricção e de *saudade*, em *alheias terras*.

Turbação profunda e desgarradora na vida de quem o sofre, o exílio aparece, pois, na literatura romântica em Portugal, como nas literaturas de outros tempos e de outros lugares e línguas¹³, escrito através da *viagem*, nas suas mais variadas formas e motivos. Viagem e deslocamentos que levam os seus protagonistas, homens e mulheres escritores, a reforçarem, *pela diferença*, “as imagens de seus lugares de pertencimento”. Por via, entre outras, de tempestades e “sentimentos desencontrados” nos mares revoltos dos desterrados forçados...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maria Fernanda de. «*Oh, cruda inexorable suerte! Ibéricos y liberales. El melodrama de los proscritos*» Semilla Durán, María Á. (editora), *Variaciones sobre el melodrama*, Madrid, Editorial Casa de Cartón S. L., Colección Ensayo Hispanoamericano, Novembro, 2013, pp. 37-67. (ISBN: 978-8 4-941345-1-7). (Patrocínio: Univ. Lyon2 /Inst. Cervantes/ Inst. Camões).

ANÓNIMO [GARRETT]. *Camões*. Paris : Livraria Nacional e Estrangeira, 1825.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Prefácio de Álvaro Júlio da Costa Pimpão; apresentação de Aníbal Pinto de Castro - 4.a ed. - Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros. Instituto Camões, 2000.

ELÍSEO, Filinto. *Poesias*. Selecção, Prefácio e Notas de José Pereira Tavares. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1941.

GARRETT, Almeida. Viagens e Impressões. In: *Obras de Almeida Garrett*, vol. I. Porto: Lello & Irmão, 1963.

GUILLÉN, Claudio. *El sol de los desterrados: Literatura y Exilio*. Barcelona: Quaderns Crema, 1995.

HERCULANO, Alexandre. De Jersey a Grainville. In: NEMÉSIO, Vitorino (org). *Obras Completas*. Lisboa: Ed. Bertrand, 1973.

_____. De Jersey a Grainville. In: *Lendas e Narrativas*, tomo II, 24ª ed. LOPES, David, dir. Lisboa: Livraria Bertrand, s.d.

_____. *Cenas de um Ano da Minha Vida. Apontamentos de Viagem*. NEMÉSIO, Vitorino (org). *Obras Completas*. Lisboa: Bertrand, 1973.

_____. *Poesia de Alexandre Herculano*. Apresentação crítica, seleção, notas e sugestões para análise literária de Maria da Graça Videira Lopes. Lisboa: Seara Nova, Ed. Comunicação, 1981.

RICOEUR, Paul. *Parcours de la Reconnaissance*. Paris: Ed. Du Seuil, 2004.

SAAVEDRA, Ángel (Duque de Rivas). El desterrado. In: *Ocio de Españoles Emigrados*. Londres: agosto, 1824.

SAID, Edward W. *Reflections on Exile and Other Essays*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2000.

STAËL, MADAME DE. *Corinne ou l'Italie*. In: *Oeuvres complètes*. Ed, de Simone Balayé. Paris, Ed Honoré Champion, 2000.

Recebido para publicação em 02/10/2015

Aprovado em 27/02/2016

NOTAS

* Maria Fernanda de Abreu é docente do Departamento de Línguas, Culturas e Literaturas Modernas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH/NOVA-UAc). Foi nomeada membro correspondente da Real Academia Espanhola (RAE), instituição normativa da língua castelhana. É doutorada em Literaturas Românicas Comparadas, com uma tese sobre Cervantes no romantismo português, e investigadora do Centro de História d'Aquém e d'Além Mar (CHAM).

2 Reconhecendo que a edição das obras de A. Herculano, feitas sob direcção de Vitorino Nemésio (indicadas na bibliografia) são, hoje, as mais recomendáveis academicamente, utilizo aqui a edição, sem data, dirigida por David Lopes; de facto, o que me importa destacar aqui são as datas originais de composição e de publicação.

3 “L'imagination prend en déplaisance tous les objets qui vous environnent, le climat, le pays, la langue, les visages, la vie en masse, la vie en détail.” (*Corinne*, livre XIV, ch. III).

4 Estudo, comparativamente, o recurso ao motivo da tempestade na escrita literária do exílio em comunicação apresentada no Congreso Internacional de Historia y Cultura en La Frontera – 1er Encuentro de Lusitanistas Españoles (Cáceres, 10, 11 e 12 de novembro de 1999): “De tempestades e outras solidões: A escrita do exílio nos romantismos espanhol e português”.

5 “Exile is strangely compelling to think about but terrible to experience. It is the unhealable rift forced between a human being and a native place, between the self and its true home: its essential sadness can never be surmounted. And while it is true that literature and history contain heroic, romantic, glorious, even triumphant episodes in an exile's life, these are no more than efforts meant to overcome the crippling sorrow of estrangement.” (SAID, 2000, p. 173)

6 “Innumerables, los desterrados. Repetida, reiniciada un sinfín de veces, interminable la experiencia del exilio a lo largo de los siglos.” (GUILLÉN, 1995, p.11)

7 “Y el exílio, que las lenguas ibéricas tan adecuadamente llaman *destierro*, *desterro*, *desterment*, porque es la perdida de la tierra y la separación del suelo propio, no es una encomiable vía de acceso a lo universal, según el supremo poeta [Shakespeare], sino un símbolo del hombre desvalido, descoyuntado, dramáticamente roto.” (GUILLÉN, 1995, p.96)

8 O poema foi publicado posteriormente pelo seu autor com algumas alterações. Citarei, contudo, sempre a partir dessa primeira publicação já que as referidas alterações nada importam para o objetivo que agora persigo.

9 “a bordo del paquebote inglés Francis Freeling, en mayo de 1824, al salir de la bahía de Gibraltar con rumbo al oeste, al ponerse el sol.”

10 ¡Ay! Que sulcando el mar en nave ajena / Huyó infelice de la patria mía, / Tal vez ¡oh cruda inexorable suerte! / Para nunca volver...Áspero suena / El recio vendaval, y expira el día./ Y qué a la nueva luz ya no he de verte,/ Hermosa Espéria? No: sañudo el viento / Me arrebató violento, /Y me aleja de ti. (RIVAS, 1824)

11 O espanhol Duque de Rivas já antes, em 1817, escrevera uma ode, a Lauso, intitulada “La borrasca”, que documenta bem a vigência do modelo. A negra nuvem, o relâmpago, o raio... só lhe faltam Ulisses e os companheiros para que a paisagem esteja completa e se cumpra o modelo homérico. E não faltará tão pouco, uns versos depois, a clássica imagem da “espuma feroz” que, com “rouco fervor”, sobe “a beijar a planta da lua”. (ABREU, 1999)

12 Ver o meu “Almeida Garrett, dos desterrados aos fumos da pátria”, apresentado na Academia Brasileira de Letras, no contexto do Congresso *Há 100 anos Orpheu canta para Cleonice* (Outubro 2015), inédito.

13 Ver GUILLÉN, 1995.